

## A luta contra o estereótipo que limita o mundo indígena

O que fará a ministra da Educação, Esther de Figueiredo Ferraz, para mudar definitivamente a visão estereotipada da cultura indígena nos livros escolares? Uma pergunta urgente que se impõe diante do balanço constrangedor das pesquisas de Maria Victória Granero, professora e artista plástica, e Nobue Myasaki, antropóloga, que trabalharam com crianças e adolescentes das redes de ensino públicas e particulares, resultando uma coletânea de desenhos em que se mesclam as culturas apache, sioux, taitiana, havalana e alguns pálidos vestígios que lembram a dos bororo, xavante, yanomami, kaingang, que envergonharia qualquer chefe indígena, do Alasca ao Estreito de Magalhães; diante da análise de 70 livros de história do Brasil adotados pelas escolas públicas e particulares, nos quais o índio resulta numa mistura estranha de canibal e escravo indolente, um ser quase irracional, que fez pasmar a platéia do Museu Paulista da USP (Ipiranga) na tarde de ontem durante a mesa-redonda "A Cultura Indígena Através do Desenho", organizada pela antropóloga Nobue Myasaki.

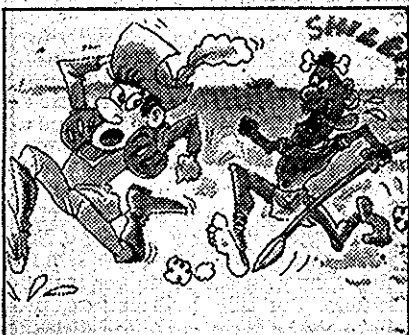
O problema é antigo. E, se qualquer pessoa, independente da idade, pensar nos seus livros de história do Brasil, com certeza, se lembrará de que há várias décadas o universo indígena é mostrado de forma estereotipada, minimizado sob a óptica do colonizador e, pior ainda, contado com verbos no passado, ignorando-se totalmente a difícil situação dos 150 mil índios que sobrevivem no País. "Uma vergonha nacional", denunciam Xâokâto'i, Kaorewygi, Tâparawa, Kwalaru, entre dezenas de outros tapirapé, karajá, apinayé, iranxé que, humilhados em aprender na mesma cartilha dos "brancos", começaram a escrever sua versão sobre a "verdadeira" história do Brasil, por meio de seus próprios textos e desenhos, agora reunidos no livro "História dos Povos Indígenas — 500 Anos de Luta no Brasil", editado pela Vozes/Cimi.

Os índios já marcaram posição. Com ou sem o consentimento do MEC, tocam na ferida que até hoje foi tratada com medidas paliativas e em gabinetes governamentais. Lux Vidal, presidente

da Comissão Pró-Índio, lembra que não se conseguiu ainda incluir nos livros escolares textos de Darcy Ribeiro e Dalmo Dalari, por exemplo.

Um dos livros exibidos ontem no Museu Paulista, "História do Brasil" (5ª série, primeiro grau), de Maria Januária Vilela Santos, editado pela Ática, mostra uma índia em pose sexy, numa cena em que aparece Cabral e a colocação da cruz na terra descoberta. No mesmo livro, um negro é desenhado, travestido de canibal, babando, correndo atrás de um colonizador. O que um professor de História pode fazer com materiais tão aviltantes como esse? Maria Victória acha que muitas vezes o problema é da editora, que, com péssimos profissionais de desenho, acabam colocando no mercado essas barbaridades. "Assim, caberia ao professor conseguir um material mais adequado, fotos e textos de apoio."

Mas o professor tem condição de trabalhar dessa forma? Dolores Prades, professora de História em escola de classe média alta, acha que o nível do livro didático é consequência direta da política educacional do País e tem por trás a concepção de história definida em fatos empíricos e nos heróis, que norteou a didática. "A historiografia recente está carente de uma produção mais séria e rigorosa, voltada para o ensino secundário. É muito difícil os professores descartarem os livros, mesmo porque algumas escolas não o permitem. A saída é deixar o livro somente como referencial e não como base de estudo." Enquanto professores mais sensíveis tentam reestudar aspectos urgentes da história, numa iniciativa própria, Álvaro Tukano — filho do famoso chefe indígena —, líder da União das Nações Indígenas, UNI, reclama uma reforma urgente no estudo de História do Brasil. "Para isso, a UNI quer uma audiência com a ministra Esther de Figueiredo Ferraz." Após uma série de conferências, exposições e debates sobre o problema, os índios esperam que antropólogos, sertanistas, historiadores, professores, etnólogos, estudantes, enfim, qualquer brasileiro, engrossem suas fileiras. "Afim, índios ou não, seremos todos beneficiados."



Do livro "História do Brasil", de Maria Vilela Santos